

# PERSPECTIVA DE FUTURO: SIGNIFICAÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Orientanda: Ayllana Araújo Pinto Tavares (POSEDUC/FE/UERN)  
[ayllana\\_21@hotmail.com](mailto:ayllana_21@hotmail.com)

Orientador: Dr. Júlio Ribeiro Soares (POSEDUC/FE/UERN)  
[julioribeirosoares@yahoo.com.br](mailto:julioribeirosoares@yahoo.com.br)

## RESUMO

O tema em questão possui uma implicação importante para as pesquisas referentes à projetos de futuro na adolescência e, sobretudo as significações escolares, pois se desejamos compreendê-los de modo mais completo é interessante sabermos quem são esses sujeitos que nela estudam, quais as significações são constituídas por eles, as quais visam seu projeto de futuro. Esse registro simbólico é a dimensão subjetiva da realidade escolar, é a partir dela que compreendemos a sociedade e sua totalidade, uma vez que os sujeitos não se constituem no isolamento, mas sim, mediados pela cultura e pelo meio social. Buscamos responder a seguinte questão: quais as significações produzidas por estudantes do ensino médio na construção de suas perspectivas de futuro? Salientamos que fazemos parte do Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC da UERN e que esta pesquisa faz parte de muitas outras que estão inseridas no GEPES<sup>1</sup>, que por sua vez, faz parte de um grupo de estudos maior o PROCAD<sup>2</sup>. A pesquisa se desenvolve com estudantes do ensino médio, em uma escola da rede privada, na cidade de Assu-RN. A escolha da escola se deu por ter sido a instituição que atuei como Orientadora Educacional do ensino médio durante o período de 2014 a 2016. Como já constatadas por alguns pesquisadores, são várias as significações que os jovens produzem na escola acerca da sua perspectiva de futuro e são diversos os projetos de futuro pesquisados por alguns autores (Bock, 2007; Léon, 2005; Silva, 2016). A pesquisa é de cunho qualitativa e tem como base a abordagem sócio-histórica, que a partir das categorias definidas nos fez compreender o processo de construção do sujeito. A análise deste trabalho partirá dos pré-indicadores, posteriormente a análise dos indicadores até chegar aos núcleos de significação, método investigado por diversos pesquisadores (Soares, 2011; Vigotski, 1995, 2001; Aguiar e Ozella, 2013). Para os procedimentos e construção de análise de dados utilizamos o grupo focal, que consiste em reunir um grupo de sujeitos e dialogar acerca de um questionamento. Como critérios para escolha dos sujeitos, destacamos que precisava ser aluno regularmente matriculado nesta escola e que estivesse cursando o ensino médio. Desejaram participar da pesquisa 9(nove) estudantes. Ao falarem sobre as significações que o papel da escola exerce nas suas vidas, os jovens que participaram da pesquisa revelam que se sentem mais seguros em relação ao futuro do que se não tivessem cursado o ensino médio, pois acreditam que a escola pode ajuda-los a construir um futuro profissional melhor.

**Palavras-chave: Ensino Médio; Perspectiva de Futuro; Estudantes.**

---

<sup>1</sup> Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Subjetividade, coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup> Silvia Maria da Costa Barbosa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

<sup>2</sup> Programa Nacional de Cooperação Acadêmica vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), edital 073/2013, coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup> Wanda Maria Junqueira, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC).

## RÉSUMÉ

Le sujet en question a une implication importante pour les recherches concernant les futurs projets à l'adolescence et, surtout, les significations scolaires, car si nous voulons les comprendre de façon plus complète, il est intéressant de savoir qui sont ces matières, quelles sont les significations constitués par eux, qui visent à leur futur projet. Ce registre symbolique est la dimension subjective de la réalité scolaire, c'est de là que nous comprenons la société et sa totalité, puisque les sujets ne sont pas constitués par l'isolement, mais médiatisés par la culture et l'environnement social. Nous cherchons à répondre à la question suivante: quelles sont les significations produites par les élèves du secondaire dans la construction de leurs perspectives d'avenir? Nous soulignons que nous faisons partie du programme de troisième cycle en éducation - POSEDUC de l'UED et que cette recherche fait partie de beaucoup d'autres qui font partie du GEPES<sup>3</sup>, qui à son tour fait partie d'un groupe d'étude plus large, PROCAD<sup>4</sup>. La recherche est menée avec des lycéens dans une école privée de la ville d'Assu-RN. Le choix de l'école était dû au fait que j'étais l'institution qui a agi à titre de conseillère pédagogique au secondaire entre 2014 et 2016. Comme certains chercheurs l'ont déjà noté, les jeunes ont plusieurs significations à l'école quant à leur perspective d'avenir et plusieurs projets de l'avenir sont étudiés par certains auteurs (Bock, 2007, Léon, 2005, Silva, 2016). La recherche est qualitative et basée sur l'approche socio-historique, qui à partir des catégories définies nous a fait comprendre le processus de construction du sujet. L'analyse de ce travail partira des pré-indicateurs, plus tard l'analyse des indicateurs jusqu'à l'arrivée aux noyaux de la signification, méthode étudiée par plusieurs chercheurs (Soares, 2011, Vigotski, 1995, 2001, Aguiar et Ozella, 2013). Pour les procédures et la construction de l'analyse des données, nous avons utilisé le groupe focal, qui consiste à rassembler un groupe de sujets et à discuter d'un questionnement. En tant que critères pour le choix des sujets, nous avons souligné qu'ils devaient être inscrits dans cette école et qu'ils étaient au lycée. 9 (neuf) étudiants voulaient participer à la recherche. En parlant de l'importance du rôle de l'école dans leur vie, les jeunes qui ont participé à la recherche montrent qu'ils se sentent plus confiants pour l'avenir que s'ils ne fréquentaient pas l'école secondaire parce qu'ils croient que l'école peut les aider construire un meilleur avenir professionnel.

**Mots-Clés: Lycée; Perspective future; Étudiants**

## 1. O PROJETO DE FUTURO A PARTIR DA CONSTITUIÇÃO SOCIAL: OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E A PSICOLOGIA SÓCIO HISTÓRIA

Como aluna regular do mestrado em educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Mossoró-RN, pude entender um pouco da teoria sócio-histórica no campo da psicologia e da educação. Ao fazer a leitura de diversas pesquisas, dentre elas o livro de BOCK; GONÇALVES; FURTADO (2015), a tese de SOARES (2011) e a obra de VIGOTSKI (2001), que são desencadeadas a partir dessa

<sup>3</sup> Groupe d'études et de recherche en éducation et en subjectivité, coordonné par le professeur Silvia Maria da Costa Barbosa, Université d'État du Rio Grande do Norte (UERN).

<sup>4</sup> Programme National de Coopération Académique, coordonné par le Professeur Wanda Maria Junqueira, de l'Université Pontificale Catholique de São Paulo (PUC).

teoria, pude compreender um pouco como o ser humano constitui e, ao mesmo tempo, é constituído pelo social. Foi, portanto, a partir da perspectiva sócio-histórica que passamos a pensar sobre algumas questões que fazem parte do meu trabalho como orientadora educacional de uma escola de ensino médio.

A referida temática apresenta uma relevância social que compreende que a adolescência não é um fenômeno natural, mas uma construção social e histórica, e que a educação pode contribuir com esse processo.

O nosso objetivo nessa pesquisa é apreender as significações produzidas por estudantes do ensino médio na construção de suas perspectivas de futuro.

Esta pesquisa se justifica pelo fato da experiência vivida como orientadora educacional. Momento em que atuava diretamente com esses jovens e percebia seus questionamentos de como seriam suas vidas ao saírem do ensino médio. Nossa função era também nesse sentido, de tentar ajudá-los em seus projetos de futuro. Reservamos o próximo item para desenvolver uma discussão sobre o que é essa fase da vida e de que forma o social a constitui.

## **1.1 A constituição social da adolescência**

Neste trabalho, assumimos a compreensão teórica de que a adolescência é um fenômeno social e histórico, portanto, não naturalmente determinado, como muitas vezes parecem abordar os manuais sobre o assunto. Assim, é nessa perspectiva que também compreendemos o adolescente, isto é, como um ser social constituído histórica e dialeticamente nas relações com o mundo em que vive. Diante dessas relações existentes no movimento da atividade, o adolescente vai se constituindo como sujeito, que vai transformando a realidade natural em cultural, uma vez alterando a natureza e transformando o próprio ser entende-se, segundo a abordagem sócio-histórica, que o trabalho é constitutivo da subjetividade humana.

Na visão sócio-histórica, utilizada como referência, o homem é visto como um ser histórico, isto é, um ser constituído no seu movimento e ao longo do tempo, pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade. Um ser que tem características forjadas pelo tempo, pela sociedade e pelas relações, imerso nas relações e na cultura das quais retira suas possibilidades de ser e suas impossibilidades. Um homem que está situado no tempo histórico e que terá sua constituição psíquica determinada por essa condição. A relação indivíduo/sociedade é vista como uma relação

dialética, na qual um constitui o outro. O homem se constrói ao construir sua realidade. (BOCK, 2007, p. 5)

É importante esclarecer que o termo juventude engloba os conceitos de jovens e adolescentes, pois existem intervalos de idade que são variáveis. A adolescência é definida dos 12 aos 18 anos de idade, enquanto o “jovem” tem uma faixa etária que se estende até os 29 anos de idade. Neste trabalho utilizaremos o termo “adolescente/adolescência”, pois entendemos que se trata de pessoas que, em alguns casos, ainda não ingressaram no mercado de trabalho e, portanto, ainda estão na fase de planejar a vida, seja com base apenas nos estudos ou em vivências/experiências familiares.

Os conceitos de adolescência e juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes. (LÉON, 2005, p.10)

A passagem da infância para a adolescência por muito tempo restringia-se a um olhar biológico e naturalizante. Na adolescência o foco estava nas questões hormonais e sexuais. Esta forma de explicação possuía influência da psicanálise que reafirmava a naturalização. É preciso considerar que existem diferentes formas de vivenciar a adolescência as quais podem ser marcadas por diferentes condições sociais, materiais e históricas. Para Aguiar, Bock e Ozella (2015, p.208):

O jovem não é algo “por natureza”. Como parceiro social, esta ali, com suas características, que são interpretadas nessas relações; tem, então, o modelo para sua construção pessoal. Construídas as significações sociais, os jovens têm a referência para a construção de sua identidade e os elementos para a conversão do social em individual.

Ainda existe uma visão preconceituosa, presente na psicologia, acerca da fase da adolescência. Segundo Clímaco (1991) existe um risco em rotular de patológico o adolescente que não seja rebelde e de considerar saudável o adolescente tido como anormal, pois o autor afirma que, pensando assim, é possível que problemas sérios apareçam e fiquem camuflados por este argumento, ou seja, que problemas sérios não sejam reconhecidos como tal.

A adolescência está relacionada a transformações sociais. Por isso, “é um fenômeno de forte caracterização cultural” (SILVA, 2016, p.32). Porém, é necessário desmistificar a adolescência já que ela não está caracterizada como uma fase de transição, nem tampouco está associada à crise essencial da vida humana. Os adolescentes não estão em total desequilíbrio aguardando apenas o que a sociedade espera deles.

Diante das transformações sociais e culturais que acontecem com os sujeitos, faz-se importante considerar que sua constituição é um movimento histórico. Concordamos com Bock (1999) quando afirma que a visão naturalizante tem sido responsável pelo ocultamento de fenômenos como a adolescência e que aceita a realidade social como imutável, não enxergando na psicologia determinações que são sociais.

A autora informa que a visão sócio-histórica tem uma concepção de adolescente diferente da visão liberal porque vincula o desenvolvimento do homem a sociedade, porque “despatologiza” o desenvolvimento humano e o torna histórico, porque deixa de ser moralista ou prescritivo de uma suposta normalidade.

Por meio de um processo dialético entre o objetivo e o subjetivo o adolescente vai se desenvolvendo socialmente e culturalmente. Considerando este ponto, acreditamos que a escola pode oferecer subsídios para que o adolescente almeje projetos para seu futuro. Segundo Othon Neto, (2013, p.48) “o processo de escolarização tem uma relação direta com a definição da identidade pessoal e até com a escolha vocacional futura”.

Vale salientar que a escola está diretamente relacionada à construção da adolescência. Nesta discussão a Psicologia Sócio-Histórica compreende a adolescência como uma construção que é histórica e social. Dessa forma, apreendemos o que é a adolescência e a forma como o social a constitui, por isso não devemos naturalizar esta fase. Logo, tendo o trabalho um método que o embasa nesta discussão, discutiremos acerca disso no ponto a seguir.

## **1.2 O método abordado: a psicologia sócio-histórica**

A Psicologia carrega as contradições da sociedade de classes desde o seu nascimento. Foi devido ao fortalecimento do capitalismo que a Psicologia se tornou necessária, pois foi este modelo econômico de produção que trouxe a individualização.

Foram as ideias liberais que permitiram a construção de uma determinada psicologia, uma psicologia que estudasse a interação entre as pessoas.

Num movimento contrário as ideias psicológicas de base liberal, a psicologia sócio-histórica surge carregando a possibilidade da crítica, “não apenas por uma intencionalidade de quem a produz, mas por seus fundamentos epistemológicos e teóricos” (BOCK, 2015, p.24). A Psicologia Sócio-Histórica concebe o homem como um ser ativo, social e histórico, é ele quem produz a sociedade por meio do trabalho, ou seja, a sociedade é o resultado do trabalho do homem.

O ser humano pode se modificar a partir das transformações de circunstâncias nas quais vive. Partindo dessa afirmação, passaremos a discorrer sobre as categorias da Psicologia Sócio-Histórica: mediação, historicidade, atividade, pensamento e linguagem, sentidos e significados. Para tanto, iniciaremos tratando acerca da concepção de homem que orienta este trabalho.

A realidade sócio-cultural é constitutiva do fenômeno psicológico, portanto é na relação com o mundo material e social que se desenvolvem as possibilidades humanas. Não podemos pensar em fatores sociais, econômicos e culturais sendo exteriores ao homem, pois o mundo social e o psicológico caminham juntos em seu movimento.

As capacidades humanas devem ser vistas como algo que surge após uma série de transformações qualitativas. Cada transformação cria condições para novas transformações, em um processo histórico, e não natural. (BOCK, 2015, p. 30)

Sobre isso destacamos que o homem só cria a realidade humana quando consegue se apropriar da realidade histórica. A dinâmica da dialética entre objetivação e apropriação é uma característica ontológica da prática social humana. Logo, o processo de objetivação se constitui quando a atividade se transfere dos sujeitos para os objetos. Com isso, entender o pensamento de Vigotski sobre a constituição do homem na sociedade é entender que o social está incorporado ao sujeito, como parte constitutiva do ser humano.

A experiência humana vai se acumulando e se constituindo a partir de uma cultura, ao mesmo tempo em que os seres humanos agem, constituem mediações, apropriam-se dos produtos culturais, dos fenômenos sociais e dessa forma apropriam-se da atividade humana que neles foi objetivada.

É o caso da mediação que estamos utilizando nesse momento, que é o da linguagem escrita, ou seja, esse sistema de mediação que estamos empregando movimenta o meu cérebro, que também movimenta o raciocínio do leitor, sendo resultado de muitas outras gerações.

Vigotski (1996) concebe o conceito de mediação numa perspectiva sócio-histórica. Ele utilizou essa categoria para explicar que a relação homem-ambiente não é direta, e sim mediada pelo uso de instrumentos e de signos. Os sistemas de signos (a linguagem, a escrita, o sistema de números) assim como o sistema de instrumentos, são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural.

A mediação é uma categoria que sustenta o melhor entendimento do processo de constituição do homem e sua relação dialética com a realidade, isto é, numa perspectiva de que a relação homem e sociedade constitui não uma dicotomia, e sim uma unidade, de modo que uma esfera da realidade só se constitui pela mediação da outra.

É a categoria mediação, portanto, que nos possibilita compreender que as características tipicamente humanas, a medida que são mediadas pelas particularidades das objetivações históricas são, ao mesmo tempo, singulares e universais. Isso significa que o homem singular jamais pode se constituir a partir do isolamento social. (SOARES, 2011, p. 36-37)

Ao se desenvolver na sociedade o homem a reproduz e a produz, e se reproduz como parte integrante dela, num processo de mediação. É devido a esta atuação no espaço social que o homem se transforma e transforma o outro da relação.

A historicidade não deve ser considerada como uma sucessão de fatos cronológicos, pelo contrário, ela é um movimento determinado por relações dialéticas, constituídas pela totalidade histórica em movimento. Aguiar e Ozella (2013, p.302) explicam que a categoria historicidade “permite olhar para a realidade e pensá-la em movimento e, mais do que isso, apreender seu movimento”.

É uma categoria relevante para nossa pesquisa, pois é através dela que apreendemos o movimento do sujeito participante da investigação, revelando no seu processo histórico as mediações que o constituem e que são constituídas na sua vivência social.

Continuando nosso estudo sobre as categorias, passaremos a discutir a categoria atividade a qual a sócio-histórica explica que o homem constitui a si próprio e que ao mesmo tempo constitui a sociedade, garantindo sua condição de existência.

A dimensão social da atividade é caracterizada pela produção dos meios que satisfazem as necessidades humanas, por exemplo, a produção de novas necessidades, da continuidade da ação humana e das capacidades de renovarem a si mesmos.

O homem constrói instrumentos físicos e simbólicos que o auxiliam na atividade de modo que satisfaçam as suas necessidades. Estes instrumentos estão caracterizados de diferentes formas, podendo se apresentarem por meio sociais e culturais. (BOCK, GONÇALVES E FURTADO, 2015, p.121) explicam que:

(...) as funções psicológicas, como toda produção cultural e social, são produtos da atividade humana. O homem transforma a natureza com sua atividade por meio dos instrumentos, e assim transforma-se a si próprio... a atividade de cada indivíduo é determinada pela forma como a sociedade se organiza para o trabalho, entendido aqui como a transformação da natureza para a produção da existência humana, algo que só é possível em sociedade.

Diante disso cabe ressaltar que as transformações da atividade humana não ocorrem apenas pelos fatores social e cultural, mas também por questões psicológicas. Salientamos que a Psicologia Sócio-Histórica discute o desenvolvimento psicológico do homem através do processo histórico vivido. Vigotski (2007, p.62), afirma que “o desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie e assim deve ser entendido. A aceitação dessa preposição significa termos de encontrar uma nova metodologia para a experimentação psicológica”.

Dessa forma consideramos a categoria atividade importante para a compreensão da perspectiva de futuro de estudantes do ensino médio, daquilo que os constituem a partir de uma atividade, através do desenvolvimento das atividades sociais e da mediação da escola na sua construção social como adolescentes.

Sobre os pares dialéticos, pensamento e linguagem, podemos inferir que a cultura é um dos processos responsáveis pela constituição do indivíduo. Quando uma criança nasce, por exemplo, ela inicia seu processo de contato com a cultura, com as tarefas e com a atividade. No entanto, vale destacar que antes de ela ter o contato com o meio social, ela já possui características que direcionam suas ações. Por isso, destacamos que:

Seu pensamento (ainda não verbal) e sua linguagem (ainda não racional), além de estarem completamente separadas um do outro, ainda não fazem parte da atividade consciente. Daí suas ações “mentais” (cujas características se manifestam por meio de ações práticas, como pegar, puxar, morder), e “linguísticas” (cujas características se manifestam por meio de expressões como risos, choro, balbucio, primeiras palavras) ainda não serem produtos da atividade socialmente mediada e sim “reflexos” imediatamente determinados por necessidades naturais do sujeito. (SOARES, 2011, p.76)

Diante disso é possível afirmar que a criança nasce com uma herança a qual é biológica e à medida que vai se desenvolvendo ultrapassa a fase biológica e passa a se constituir como um ser social, ativo, apropriando-se da cultura.

A relação entre pensamento e linguagem não é uma coisa, mas um processo. Para Bock e Gonçalves (2009, p.56) “a linguagem é a mediação na relação dialética entre interno e externo e, portanto, podemos dizer que o que está na base da consciência é a linguagem”. Por isso, “se quisermos apreender o humano e seu processo de constituição, temos de compreender esse processo de relação do humano com o mundo fundamentado nas atividades transformadoras e mediado pela linguagem” (idem).

O pensamento se realiza na palavra, contudo existe muito do pensamento que não se realiza na palavra, que não é falado. Vigotski (2001, p.409) diz que “o pensamento não se expressa na palavra, mas nela se realiza”. Sendo assim, é importante que não se considere que o pensamento seja expresso em palavras como se esta fosse um reflexo especular do pensamento. Não há uma relação direta entre pensamento e palavra, podendo-se dizer, no entanto, que existe um movimento que vai do pensamento a palavra e da palavra ao pensamento (Vigotski, 2001), movimento esse que é mediado por sentidos e significados.

Para a Psicologia Sócio-Histórica, o pensamento é desenvolvido e constituído através de meio de processos como o afeto e a memória. Sobre isso, Vigotski (1995, p. 409) afirma que:

A relação entre pensamento e palavra é, antes de tudo, não uma coisa, mas um processo é um movimento de pensamento à palavra e da palavra ao pensamento. A luz da análise psicológica, essa relação é vista como um processo em desenvolvimento, que passa por uma série de fases e estágios, sofrendo todas as mudanças que, por todos os seus traços essenciais, podem ser suscitadas pelo desenvolvimento no verdadeiro sentido desta palavra. Naturalmente não se trata de um

desenvolvimento etário e sim funcional, mas o movimento do próprio processo de pensamento da ideia a palavra é um desenvolvimento. O pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza.

Dessa maneira, a partir do entendimento de que o homem é um ser social e constituído por relações sociais é preciso compreendermos a relação sentido e significado para que possamos analisar pensamento e linguagem não como fenômenos dicotômicos, mas processos dialéticos que constituem o homem como totalidade social e histórica.

Vale salientar que também utilizamos a palavra *significações* como expressão dialética de sentidos e significados, de modo que denota uma referência, ao mesmo tempo, a ambas as propriedades que configuram a linguagem e o pensamento como uma unidade dialética e histórica.

O significado da palavra, como tentamos elucidar anteriormente, é uma unidade indecomponível de ambos os processos e não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. (VIGOTSKI, 2001, p. 398)

Nesse momento, Vigotski (2001) refere-se ao significado como uma totalidade, não discriminando o que seria sentido e significado propriamente dito, mas uma unidade do pensamento verbalizado. Assim sendo, tem a mesma equivalência conceitual ao que denominamos como *significação*.

Os sentidos, portanto assumem importância fundamental na constituição da subjetividade humana, pois representam a unidade essencial e constitutiva dos contornos vivenciados nas relações sociais. Dessa maneira, a partir do entendimento de que o homem é um ser social e constituído por relações sociais é preciso compreendermos a relação sentido e significado como pares dialéticos para que possamos analisarmos os fenômenos da relação humana.

A presente pesquisa se baseia numa abordagem dialética que o homem age sobre a natureza e a transforma, criando novas condições de existência. Essa abordagem é definida segundo Vigotski (1984) por três princípios fundamentais que buscam incrementar o processo de análise da constituição dessas funções. O primeiro versa sobre a análise de processos e não de objetos, o segundo trata da explicação versus descrição e, por último, o problema do comportamento fossilizado. Partindo dessa

abordagem seguiremos para a análise da nossa pesquisa que permite relacionar conceitos semelhantes, importantes em núcleos que aglutinam significações.

## **2. PROCEDIMENTO DE INVESTIGAÇÃO**

O instrumento de pesquisa utilizado para a produção das informações foi o grupo focal. Nesse procedimento realizamos encontros com os estudantes, de uma escola privada de ensino, na cidade de Assú-RN. A escolha da escola se deu pelo fato de ter sido a instituição a qual fui Orientadora Educacional e como critérios para a escolha dos sujeitos, definimos que deveriam estar cursando o ensino Médio, nessa escola a qual fui Orientadora Educacional, a seleção partiu deles mesmos, foi exposta a temática 9(nove) estudantes desejaram participar da pesquisa. (as ideias estão boas, mas a redação merece uma revisão para tornar o conteúdo mais claro).

Em seguida foi marcado dia e horário em que todos pudessem participar do encontro do grupo. Posteriormente, fizemos o encontro na referida escola, momento no qual eles dialogaram e debateram sobre diversas questões, explicitando seus posicionamentos sobre as diversas questões colocadas. Vale ressaltar que no grupo focal as perguntas precisam ser quase que como um convite para que os sujeitos possam falar espontaneamente sobre o que pensam acerca de determinadas questões da vida. Por isso, caracteriza-se como uma troca de ideias entre todos os envolvidos, moderador e estudantes do ensino médio, ambos envolvidos na produção de conhecimento. Contudo, deixemos claro que não acontecerá uma conversação comum, durante o debate, um é implicado pelas ideias e emoções do outro, pela forma como cada um significa a realidade. Dessa forma:

No grupo focal, o entrevistador, muitas vezes chamado de moderador, é o catalisador da interação social (comunicação) entre os participantes. O objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem. (BAUER E GASKELL, 2015, p.75)

O grupo focal se caracteriza primeiramente por uma interação social, no qual é possível observar as mudanças de opiniões, bem como o processo do grupo. Geralmente os participantes dessa metodologia se mostram mais abertos a acolher novas ideias e pode-se perceber a emoção dos participantes quando interagem uns com os outros (BAUER E GASKELL, 2015).

A metodologia do grupo focal compreende geralmente de 6 a 9 pessoas, e esta organizada previamente dessa forma: a primeira ação é do moderador que deve se apresentar, apresentar o assunto e a ideia que ele pretende discutir, depois o moderador solicita que os sujeitos se apresentem um a um e a partir disso o moderador realiza as questões através do tópico guia e a cada pergunta o entrevistador encoraja os estudantes do ensino médio para que ativamente se posicionem.

Optamos pela pesquisa qualitativa, pois acreditamos que o conhecimento não está pronto, a espera de ser “coletado”. O conhecimento científico é algo bem mais complexo, é uma produção humana.

Aguiar e Ozella (2013, p. 304) afirmam que somente “por meio de um trabalho de análise e interpretação pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido”. Primeiro existe o trabalho das análises, depois o da interpretação, para finalmente chegarmos à discussão das terceira questão. As três etapas fundamentais de construção da referida proposta são o levantamento de pré-indicadores, a sistematização de indicadores e a sistematização dos núcleos de significação.

A primeira etapa consiste na identificação de palavras que já revelam indícios da forma de pensar, sentir e agir do sujeito. Destacamos a importância da palavra no levantamento de pré-indicadores, mas não é qualquer palavra, é somente a palavra com significado.

Na segunda etapa ocorre a articulação dos pré-indicadores por meio da “similaridade”, “complementaridade” e/ou contraposição (AGUIAR; OZELLA, 2013), sistematizando assim, os indicadores.

A terceira etapa é o resultado da análise do levantamento dos pré-indicadores e da articulação dos indicadores para revelarem de forma mais profunda a realidade estudada, ocorrendo assim, a sistematização dos núcleos de significação, sendo este o que mais se distancia do empírico e se aproxima da realidade concreta, isto é, dos sentidos que o sujeito constitui para a realidade na qual atua.

Portanto, mesmo que a etapa dos pré-indicadores e indicadores seja um processo de análise, os núcleos de significação constituem uma etapa analítica e interpretativa, pois “[...] consiste em superar as teses e antíteses que vieram à tona nas duas etapas anteriores [...] almejando mais propriamente a síntese” (AGUIAR, SOARES, MACHADO, 2015, p. 71). De modo que:

Além do domínio da técnica de sequenciar as etapas da proposta, a construção dos núcleos de significação demanda que o pesquisador tenha os pressupostos teórico-metodológicos sempre como base orientadora do processo de análise e interpretação das formas de significação da realidade do sujeito. Essa observação evita que a proposta dos núcleos se torne algo instrumental, um procedimento técnico. (AGUIAR, SOARES, MACHADO, 2015, p. 73).

Segundo esses autores é importante reconhecer a visão de mundo daquele que está na posição de pesquisador quando conduz e interpreta o objeto de estudo. Por isso, em seguida inicia-se um procedimento em que o pesquisador busca apreender os elementos que constituem o sujeito no seu modo de pensar, sentir e agir subjetivamente.

### **3. DA FALA A ANÁLISE: AS SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS.**

Neste item trataremos acerca da construção de um núcleo de significação construído a partir da análise dos pré-indicadores, posteriormente pela análise dos indicadores e finalmente por meio de uma sistematização realizamos a construção do núcleo: “Como os estudantes do ensino médio pensam o seu projeto de futuro”. Neste núcleo os alunos pensam acerca de seu projeto de futuro. Seus posicionamentos frente à escola e seu papel para a construção deles nas suas perspectivas para o futuro.

Após a transcrição e construção dos pré-indicadores, passamos para a fase de articulação dos indicadores. Neste momento da análise percebemos quatro indicadores que marcaram o tempo todo nosso diálogo. São eles: “a perspectiva pro futuro... é eu tá formada”, “se você perguntar o que a gente quer, todo mundo aqui quer ficar rico... mas eu quero estar estável”, “então todo mundo quer esperar o máximo que você pode dar, só que tem que saber o que você tá fazendo pra poder conseguir isso”, “eu acho que era pra o colégio ouvir mais os alunos”.

Nossa análise partiu ainda do momento da entrevista do jeito de cada estudante, o modo como se expressavam e dialogavam com os colegas, suas formas de pensar e agir no meio social, pudemos sentir que a escola e a família exercem sobre eles e sobre seus posicionamentos. A maioria são filhos de funcionários públicos e que desejam para seus filhos uma estabilidade financeira. Os pais cobram dos filhos e da escola e a escola cobra dos estudantes o resultado que os pais almejam uma aprovação em um concurso ou uma excelente nota do Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM.

Interessante destacar que no grupo pesquisado, o qual é composto por 9(nove) estudantes, um estudante informa que é aluno bolsista, ele informa que pertence a uma família com baixa renda, e que por ter boas notas não lhe é cobrado mensalidade financeira. Esse aluno deixa claro em sua fala que não existe pressão por parte da família para que ele tenha uma estabilidade financeira, contudo ele comenta que deseja ter uma boa profissão para ajudar seus pais no futuro.

Em suas falas, os estudantes, deixam explícito o sonho de serem ricos, de estarem formados e de conquistarem uma estabilidade financeira boa. O aluno “A” diz: “fora o sonho de querer ser rico, ter dinheiro, fora essa economia, acho que todo mundo quer uma sociedade melhor”, o aluno “C” fala que: “uma prioridade na minha vida é só estar com a vida financeira muito boa, mas casamento, filhos não é uma prioridade, eu quero me formar”, o aluno “B” diz: “quero ser estável financeiramente”.

Não é só o que os pais ou a escola ou a sociedade de forma geral esperam deles, mas é o que eles mesmos esperam deles, o que eles, enquanto estudantes esperam para seu futuro, como desejam estar no futuro e, principalmente o que estão fazendo hoje para conseguirem o êxito de seus projetos de futuro.

Este núcleo proporciona a análise de como a escola constitui os sujeitos. Nesses estudantes, de escola privada, em que a maioria das famílias passa a mensagem para os eles que é a custo de dificuldades financeiras que os mantém na escola e que eles precisam entrar em uma universidade e terem um emprego, os estudantes alegam que sofrem muita pressão tanto por parte da família, bem como da escola e consequentemente deles próprios. A aluna “D” explica: “Quando você tá no segundo ano tem o que você gosta e o que você não gosta, quando você tá no terceiro ano, não tem isso, você TEEEMMM que aprender. Eu tenho uma prova no final do ano e eu TENHO que passar, porque os meus pais pagaram a vida inteira de escola particular, eles trabalham e dão duro, pra me botar aqui, então EU TENHO que passar”. O aluno “E” diz “se eu não vou aprender isso, eu não vou passar numa faculdade e se eu não passar numa faculdade talvez a minha mãe ou meus pais não tenham orgulho de mim, é uma pressão muito grande aos alunos, e isso faz com que muitas vezes eles cheguem com problemas psicológicos. A escola deveria entender, deveria compreender, deveria muitas vezes, mudar o seu método de ensino, para algo que não fosse colocar tanta pressão nos alunos”.

Afirmam que a escola deveria ter métodos mais humanitários, ouvi-los com mais frequência, pois a escola cobra muito deles o que os pais cobram dela. Dessa

forma os estudantes do ensino médio pensam seu projeto de futuro a partir das constituições familiares e escolares em que vivem, contudo existe uma autorreflexão acerca dos seus desejos e vontades do que projetam para seu futuro.

#### **4. AINDA É PRECISO DIZER QUE...**

A pesquisa concretizou a criação de um espaço para a investigação e reflexão acerca da perspectiva de futuro de estudantes do ensino médio e, com isso, analisou-se o processo de constituição do sujeito, bem como se refletiu sobre a atividade mediadora da escola. Sobre a adolescência, constatou-se que só a partir do século XX esta fase passou a ser tratada como um objeto de estudo da ciência. Este momento da vida humana ficou marcado como uma fase de conturbações que estão vinculadas a questões sexuais. Durante todo o século XX existia uma visão naturalista em relação a esta etapa que era produzida e reproduzida pela cultura e pelos meios de comunicação de massa. (AGUIAR, BOCK, OZELLA, 2015)

Corroboramos com os autores (idem) quando fazem a crítica a concepção naturalista, pois de acordo com eles a adolescência é uma construção histórica. A realidade social é mutável e existem questões que são determinadas por fatores sociais. De acordo com estes autores “a visão sócio-histórica concebe o homem como um ser histórico, isto é, um ser constituído no seu movimento, pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade”. (idem, p.205)

Nessa pesquisa foram criadas condições junto o grupo de estudantes para a compreensão da importância de entender como os jovens pensam seu futuro, ampliando os limites da percepção de mundo e mediação da escola. Nesse sentido, a abordagem sócio-histórica mostra-se promissora no sentido das rupturas e das transformações que contemplam e promovem as superações do ser humano.

Nossa constituição enquanto pesquisadora se deu devido aos estudantes do ensino médio, desta escola privada. Por isso, ensejamos o desejo de continuarmos pesquisando esta fase da vida humana no que diz respeito as suas perspectivas de futuro.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA**

AGUIAR, Wanda M. Junqueira; BOCK, Ana Mercês Bahia; OZELLA, Sergio. **A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica.** In BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES; M Graça M. FURTADO,

Odair (Orgs). *Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva critica em Psicologia*. 6ª ed. São Paulo, Cortez Editora, 2015.

AGUIAR, Wanda Maria J.; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

BOCK, A. M. B. **Adolescência como Construção Social**: Estudo sobre Livros Destinados a Pais e Educadores (PEE - 319). *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 11(1), 2007.

\_\_\_\_\_. **Adolescência: uma concepção crítica**. Maio, 1999

\_\_\_\_\_. **A Psicologia Sócio-Histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. In BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES; M Graça M. FURTADO, Odair (Orgs). **Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva critica em Psicologia**. 6ª ed. São Paulo, Cortez Editora, 2015d.

\_\_\_\_\_; GONÇALVES, M. G. M. A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

CLÍMACO, Adélia A S. **Repensando as concepções de adolescência**. Tese de doutorado, PUCSP, 1991.

LEÓN. O. D. **Adolescência e juventude**: das nações as abordagens. In M. V. Freitas (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa. 2005.

LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem**: As Ultimas Conferencias de Luria. Porto Alegre: Artmed, 2001.

NETO, Othon Cardoso de Melo. **Adolescência e Juventude em Vulnerabilidade**: perspectiva de futuro, trabalho e escola. Dissertação. Mestrado em Psicologia Social – UFSE, 2013.

SILVA. Emeriana. **Perspectiva de futuro de adolescentes em situação de acolhimento institucional**: uma visão histórico-cultural. Dissertação. Mestrado acadêmico em Psicologia. Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2016.

SOARES, Júlio Ribeiro. **Atividade Docente e Subjetividade**: Sentidos e Significados Constituídos pelos Professores Acerca da Participação dos Alunos em Atividades de Sala de Aula. 326 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2011.

SOARES, Júlio Ribeiro. **Vivência pedagógica**: a produção de sentidos na formação do professor em serviço. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). São Paulo, 2006.

VIGOTSKI, Lev. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas III**. Madrid, Visor, 1995.

\_\_\_\_\_. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.